

## Desejos femininos entre as religiosas

Quando as conquistas da mulher seguem gerando surpresas, mesmo diante de uma aparente evolução social e comportamental, dois temas ainda são vistos como ineren-

tes à figura feminina: a maternidade e a vida sexual. A respeito deles, madre Paula faz uma ampla análise para explicar os motivos que levaram à opção religiosa.

### Maternidade

Ao longo dos séculos, a associação mais evidenciada da maternidade foi com o fator biológico, ou seja, mulheres enfrentando gestações de nove meses e se dedicando aos cuidados com o filho. Na opinião da madre, além dessa imagem mais conhecida, não pode ser deixado de lado o aspecto psicológico que, para ela, pode ser até mais profundo que o físico. “O instinto maternal existe em nós, só que ele não se manifesta biologicamente. Mas somos muito afetuosas, gostamos muito de crianças, de bichinhos. É esse aspecto de alma. Somos femininas muito mais na alma do que no corpo. O corpo feminino é uma consequência, talvez um condicionador, mas a feminilidade está muito mais na alma que no corpo”, acredita.

É a chamada maternidade espiritual apregoada pelas monjas, que muitas vezes se tornam conselheiras para os mais diferentes assuntos. Não é à toa que o mosteiro é muito procurado. “Muitas pessoas vêm aqui para expor suas dificuldades, seus problemas, anseios e sofrimentos, e o atendimento que elas encontram nas irmãs as conforta. Acho que isso vem do instinto maternal que se manifesta nessas relações. É o cuidado, a ajuda, o esclarecimento”, pondera.

### Sexo

Inevitáveis são as análises quanto aos desejos sexuais e afetivos no mundo das monjas. Com uma opinião convicta, madre Paula afirma que no momento em que a opção pela vida monástica é assumida, esse é um fator já solucionado. “Quando entramos, sabemos que estamos abrindo mão disso. Temos uma reflexão de que a mulher tem uma personalidade autônoma, ela não é um eterno sexo frágil sempre a reboque”, compara.

“O que notamos hoje é que as mulheres, apesar de todo feminismo, são muito mais dependentes dos homens. Elas precisam sempre da figura masculina ao seu lado. Uma das grandes mensagens do cristianismo foi essa valorização da mulher como personalidade autônoma”, interpreta a religiosa.

Segundo a madre, nos primeiros séculos muitas jovens optavam pela virgindade consagrada. “Vejo como uma maneira de conquistar autonomia, porque quando casavam se tornavam propriedades do marido. É uma questão de consciência de sua autonomia como pessoa integral, que não precisa depender. Ela

pode entrar em contato, fazer uma doação de si até certo ponto para outra pessoa, mas conserva sua liberdade. Ela é um ser completo; não é incompleto enquanto não se casou”, pondera.

“Somos seres humanos integrais, ninguém se castra entrando na vida consagrada, mas o sexo não se torna um imperativo. Está sob seu controle, assim como as outras necessidades, como a fome, o desejo de agasalhos. É uma coisa que está em você, mas você gerencia

Sentir necessidades faz parte do físico das pessoas e não depende de ter ou não vontade, observa a madre, com uma comparação. “O instinto sexual é muito paralelo ao instinto da nutrição alimentar, então você pode até sentir fome, mas outra coisa é isso se tornar uma carência dominante.”

A vida monástica não é uma renúncia ao feminino, na análise da religiosa. “Pelo contrário, é uma realização sublimada. É uma sublimação do instinto feminino, da realidade antropológica, mas não se trata de nenhuma repressão. Personalidades patológicas, dependendo do grau de patologia, podem até chegar aos mosteiros e os filmes mostram isso. Patologias podem existir em qualquer área. Nós normalmente temos uma vida muito sadia, de muita liberdade interior, de muita naturalidade”, afirma.

### Hábito o ano inteiro

As monjas são identificadas pelas suas vestes, feitas no mesmo tecido e estilo. “Usamos o hábito – nome que designa as vestes das irmãs – e isso não nos incomoda de jeito nenhum. Usamos o ano inteiro e todos os anos com a mesma cor e o mesmo feito. Apenas para alguma sole-

nidade utilizamos um tecido um pouco melhor, e também na cor preta, que achamos um pouco mais solene que o cinza. Mas o cinza é mais prático para o dia a dia”, explica. O véu, segundo ela, é adotado para simbolizar a dedicação exclusiva a Deus.

## Vaidade

Até os 22 anos, quando decidiu se dedicar integralmente ao monasticismo, Paula levou uma vida tida por muitos como normal, com costumes, crenças e até um pouco de vaidade. Um dos momentos que recorda de sua adolescência foi um convite que partiu da irmã mais velha, Maria Otília, para perfurar as orelhas. Paula estava então com 12 anos. Acompanhada de Adalgisa, a irmã mais nova, as três voltaram para casa com brincos. O pai, rigoroso, ao ver os acessórios perguntou por que não haviam colocado também no nariz, pois os selvagens faziam isso. “Mas ele respeitava, não coibia. Foi só a empolgação do momento, depois abandonamos os brincos. Ficamos só com as orelhas furadas”, conta.

Na época em que entrou para o mosteiro, não havia tantos investimentos na aparência feminina. A madre tem inclusive um exemplo na família. “Uma de minhas irmãs nunca usou maquiagem. Hoje ela tem 78 anos, mas sempre foi uma moça muito bonita e nunca precisou desses acréscimos. Era um pouco essa concepção de que a beleza vale por si mesma, não precisa de muitos enfeites”, observa.

A opção religiosa, contudo, não impediu as monjas de acompanharem as reflexões feministas. Elas apenas não se enquadram nesse contexto. “É muita ingenuidade, muito complexo de inferioridade esse feminismo agressivo”, entende. Para ela, o mercado cosmético e cirúrgico em prol da beleza da mulher é sinal de baixa autoestima. “Não vivenciamos essa preocupação nem de longe (risos). Somos muito contentes da forma que somos”, reconhece.

### Cabelo

Quanto aos cuidados com o cabelo, madre Paula revela serem modestos. “Ele não vai ser mostrado em momento nenhum. Então é só uma questão de saúde, de higiene e não estética.” Brincos, pulseiras e outros apetrechos também não condizem com a realidade das irmãs. “Não tem necessidade. As pessoas não se enfeitam para si mesmas, para olhar no espelho. A pessoa se enfeita para sair de casa, para outras pessoas. Como nós vivemos só dentro do espaço do mosteiro, não temos uma preocupação de agradar esteticamente aos outros. Às vezes agrada mais nossa simplicidade e despojamento”, afirma. ■



■ Mosteiro situado em Linha Travessa, no interior de Santa Cruz do Sul, abriga sete monjas da congregação de São Bento e se tornou um lugar de retiros religiosos